

PENSANDO A INTERCULTURALIDADE A PARTIR DO FILME DANÇA COM LOBOS¹

Alessandro Reina²

Leonardo Pellegrinello Camargo³

Maria Lucimara dos Santos⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo pensar a questão da interculturalidade a partir do filme estadunidense *Dança com Lobos* (EUA-1990), dirigido por Kevin Costner com roteiro baseado no romance homônimo de Michael Blake. Problematisa a questão do processo de aculturação a partir do contato do personagem John Dunbar (Kevin Costner) com a cultura indígena Sioux, evidenciando um processo de ruptura com as supostas fronteiras culturais permeadas por uma visão tradicional de cultura sendo substituída gradualmente por uma visão híbrida de cultura.

Palavras-chave: Filme, *Dança com lobos*, Aculturação, Hibridismo, Estranhamento, Cultura.

ABSTRACT

This article aims to reflect the issue of interculturalism from American film *Dances with Wolves* (EUA-1990), directed by Kevin Costner with a screenplay based on the novel by Michael Blake. Discusses the issue of the acculturation process from the contact of the character John Dunbar (Kevin Costner) with the Sioux Indian culture, showing a process of rupture with the supposed cultural boundaries permeated by a traditional view of culture being gradually replaced by a hybrid vision culture.

Keywords: Movie, *Dances with wolves*, Acculturation, Hybridity, Strangeness, Culture

“Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.”

Martin Heidegger, "Building, Dwelling, Thinking"

A cultura em um amplo sentido é o que nos confere a identidade como seres humanos. Nunca uma palavra ao longo da tradição teórica literária teve tantos sentidos e diferentes significados, algo que reflete a complexidade da expressão da palavra mediante o campo da pesquisa, seja na filosofia, na sociologia ou na

¹ Recebido em 24/01/2017.

² Universidade Federal do Paraná. alessandroreina@claretiano.edu.br

³ Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

⁴ Universidade Tuiuti do Paraná.

antropologia como muito bem demonstrou Eagleton (2000) em sua obra “A ideia de Cultura”. Pensar a cultura é assumir uma tarefa de esgotamento, isto porque a cultura caracteriza-se como algo dinâmico (LARAIA, 1986, p.105), ou seja, a cultura não é estática e fechada a ressignificações, pelo contrário, sua pluralidade a caracteriza como algo permanentemente aberto à mudança, ao novo, àquilo que garante a sua autenticidade e sentido, o que nos leva a um contexto muito mais amplo que são as relações interculturais.

Neste artigo, pretendemos abordar como essas relações teóricas interculturais são esboçadas a partir do cinema, mais especificamente a partir do filme estadunidense **Dança com Lobos (EUA-1990)** que introduz uma excelente discussão a partir de suas cenas sobre o processo de aculturação dentro de uma perspectiva intercultural.

O filme **Dança com Lobos (EUA-1990)** atuado e dirigido pelo então estreante Kevin Costner, com roteiro baseado no romance homônimo do escritor Michael Blake, conta a história de um jovem tenente do exército americano chamado John Dunbar (Kevin Costner) durante o emblemático período da Guerra Civil americana no seu contato exótico com o mundo da cultura dos índios Sioux. O filme a partir dos seus eventos, destaca em certo sentido, o valor da cultura Sioux em contraste com a visão preconceituosa e etnocêntrica do homem branco. As primeiras cenas já nos revelam de certa forma a visão equivocada, confusa e miserável da guerra sob a perspectiva do tenente John Dunbar, que profundamente deprimido e desorientado, resolve cometer suicídio cavalcando de peito aberto em direção aos seus inimigos. A atitude, entretanto, não resulta na morte de Dunbar, mas serve de motivação ao exército que ao ver a coragem suicida do personagem, inspira-se na batalha derrotando seus inimigos. Dunbar é promovido e enaltecido como herói de guerra, sendo-lhe permitido a escolha do local onde poderia fixar seu serviço. Dunbar escolhe então, como local de serviço o Forte Sedgewick, uma região de fronteira com belas pradarias sob domínio indígena, terras ainda intocadas pelo homem branco. Quando questionado por seu oficial superior pela escolha por um local remoto e distante, Dunbar foi incisivo: “Quero ver a fronteira antes que ela desapareça”. A fala do personagem já nos revela o entendimento de John sobre a política de expansão colonialista do exército americano. A ideia era de ocupar todas

as terras expulsando e dizimando as culturas indígenas que ali viviam em pleno contato com a natureza. Durante a viagem ao Forte Sedgewick em um diálogo com o carroceiro Timmons (Robert Pastorelli), percebemos uma típica visão etnocêntrica e estereotipada, compartilhada pela grande maioria dos soldados, de que os índios não passavam de ladrões de cavalos e de assassinos cruéis que escalpelavam seus inimigos.

Sob a perspectiva intercultural, o etnocentrismo – conceito que considera que o seu grupo étnico ou sua cultura é mais importante – nos remete a uma ideia equivocada, preconceituosa e única de cultura, que em certo sentido nos conduz a uma perspectiva daquilo que entendemos como uma visão tradicional de cultura, na qual Welsch assim como Waldenfels, (WELSCH apud JANZEN, 2005, p. 22) defendem a ideia de uma “homogeneização cultural” caracterizada por um discurso unitário que delimita a cultura do outro com base em referências culturais próprias. Esse discurso unitário tem como principal função evitar o estranhamento, um elemento típico que marca as fronteiras entre duas culturas completamente opostas. Bhabha (1998, p. 29-30) afirma que o estranho trata-se de um sentimento motivado pela falta do espaço da casa, ou do lar, que produz um certo desconforto e sentimento de desnorteamento naquele que entra em contato com uma nova cultura causando um certo deslocamento cultural.

[...] nesse deslocamento, as fronteiras entre a casa e o mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora (BHABHA, 1998, p.30).

Entretanto, nosso personagem possui uma mente bastante aberta ao novo, ao estranho e ao contingente, o que o conduz gradualmente após seu estabelecimento solitário no Forte de Sedgewick, a uma aproximação gradual com a cultura Sioux. Essa aproximação revela-se de uma forma bastante tensa, já que os próprios indígenas também possuem uma visão estereotipada do homem branco no sentido de caracterizá-lo como um usurpador de suas terras, assassinos de suas mulheres e crianças. A questão é que esta aproximação abrirá caminho para a construção de uma visão híbrida de cultura por parte de Dunbar com relação à tribo dos Sioux. Isto é importante na medida em que marca o rompimento com o discurso unitário, estereotipado e homogenizante, ou seja, como uma visão tradicional de cultura tanto por parte dos indígenas como pelo próprio John Dunbar.

Após tentativas frustradas de contato, Dunbar resolve ir até a tribo dos Sioux para confrontá-los. No caminho encontra uma mulher branca ferida que havia sido adotada pela tribo dos Sioux quando pequena. Este encontro com a mulher branca chamada De pé com Punho (Mary McDonnell) será determinante para a aproximação entre Dunbar e o povo Sioux, já que ela servirá como a intérprete de Dunbar com a tribo, além de ser a responsável pelo ensino do dialeto Sioux. Após o encontro, John conduz a mulher em seu cavalo levando-a de volta a tribo. Apesar de ser expulso logo após a chegada, pois os índios declaradamente não o queriam por ali, este ato de Dunbar leva os índios a repensarem num primeiro momento a ideia de que faziam do homem branco, o que mais tarde os conduzirá ao encontro com Dunbar no Forte. Este primeiro encontro é liderado por Pássaro Esperneante (Graham Greene) sendo movido por dois motivos: o primeiro seria a tentativa de conhecer melhor o inimigo, já que os índios viviam sob constante ameaça, em segundo pela curiosidade acerca da cultura do homem branco. Acompanhado do guerreiro Vento no Cabelo (Rodney A. Grant), o sábio e líder da tribo Pássaro Esperneante troca presentes com Dunbar no forte, onde se inicia uma grande amizade entre ambos. Esse contato marca a entrada de Dunbar na cultura Sioux dando início a um processo de hibridização. Segundo Bhabha (1998), o hibridismo consiste neste deslocamento cultural onde a visão ou discurso dominante do indivíduo se bifurca em dois novos discursos (expressões de duas diferentes culturas) que na verdade são expressas a partir do ponto de vista de um único indivíduo.

O hibridismo é o nome desse deslocamento de valor do símbolo ao signo que leva o discurso dominante a dividir-se ao longo do eixo de seu poder de se mostrar representativo, autorizado. O hibridismo representa aquele "desvio" ambivalente do sujeito discriminado em direção ao objeto aterrorizante, exorbitante, da classificação paranóica - um questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade (BHABHA, 1998, p. 165).

Este hibridismo cultural leva Dunbar a um processo de profundo autoconhecimento, a partir do qual a ideia de integração entre o homem e a natureza cresce com muita força na compreensão de Dunbar a partir da cultura do outro, no caso, da cultura Sioux. Existem alguns elementos bem particulares em algumas cenas do filme que evidenciam esta ideia de integração entre o homem e a natureza, a principal delas é o relacionamento estabelecido entre Dunbar e um lobo

selvagem, ao qual chamou de Duas Meias. Desde a chegada de Dunbar ao forte, o lobo inicia uma aproximação que é lenta e gradual. A amizade entre Dunbar e o lobo é vista pelos índios como um sinal da presença ou expressão espiritual de Dunbar, o que levará o sábio índio Sioux Pássaro Esperneante, a colocar a alcunha de Dança com Lobos em Dunbar, ilustrando este processo de presença espiritual na integração entre o homem e a natureza. Aliás, isto é uma característica marcante da cultura Sioux, a questão da compreensão e do respeito à espiritualidade. Em uma das cenas Vento no Cabelo afirma que entendia a morte prematura de seu melhor amigo na tribo, pois acreditava que seu melhor amigo havia morrido porque um novo amigo (Dunbar) estava chegando. A postura de Vento no Cabelo não deve ser considerada como uma visão ingênua e inferior de mundo. Levy-Bruhl (2008) na obra **A mentalidade Primitiva**, defendeu certa vez que as diferentes culturas humanas poderiam ser divididas em lógicas e pré-lógicas o que justificaria a ingenuidade e integração dos povos ditos “selvagens” com a natureza. Contra este posicionamento, Lévy-Strauss (1976) em sua obra **O pensamento Selvagem**, refuta a ideia de uma teoria evolucionista do pensar entre estas culturas. Strauss afirma o seguinte:

O pensamento mágico ou ingênuo não é um começo, um esboço ou uma iniciação, a parte de um todo que não se realizou; forma um sistema articulado independente de outro sistema que constituirá a ciência, salvo a analogia formal que as aproxima e que faz do primeiro (pensamento místico) uma expressão metafórica do segundo (pensamento científico) (STRAUSS, 1976, p. 65).

A visão de mundo Sioux que causa o encantamento de Dunbar não é fruto de uma visão ingênua, nem pré-lógica como afirmou Levy-Bruhl (2008), trata-se de uma visão alternativa ou metafórica como afirmou Strauss (1976), sobre a concepção de mundo construída por um povo no decorrer de gerações. De certa forma poderíamos afirmar que não há superioridade de pensamento entre uma cultura e outra, mas apenas maneiras diferentes de expressar ideias, pensamentos e conhecimentos sobre diferentes assuntos. Um bom exemplo é a cena em que Dunbar ao salvar um jovem índio de uma manada de búfalos é obrigado a contar e recontar a mesma história inúmeras vezes, sendo que Dunbar não entendia o porquê disso. O fato é que “o homem branco” dispõe da escrita como uma forma de imortalizar os fatos vividos, porém, a cultura Sioux se baseava na tradição oral, por isso Vento no Cabelo pedia que Dunbar repetisse várias vezes a mesma história,

como não possuíam escrita, contar a mesma história várias vezes era uma forma de imortalizar aquele fato entre os membros da tribo, para que aquele dia importante não caísse no esquecimento.

Outro exemplo sobre esta questão, diz respeito à escolha de Dunbar em registrar todo o seu contato com a cultura Sioux em um diário. No decorrer dos eventos, este diário se tornou um elo entre as duas culturas, pois ao mesmo tempo em que Dunbar registrava todo o seu percurso, o protagonista percebia a maneira diferenciada de pensar tais culturas. Assim, a "ruptura" de Dunbar com sua cultura foi a declaração que Dança com Lobos fez para De Pé com Punho. Ou seja, foi a partir da descoberta dele como Dança com Lobos - e não como John Dunbar - que o fez pertencer a uma nova sociedade por escolha.

Entretanto, o diário também se tornou o seu algoz, pois uma vez que os oficiais do exército estivessem de posse desta prova, a aldeia Sioux seria dizimada. Como Dunbar já se sentia como pertencente à Cultura Sioux, fatalmente deveria lutar por ela, tentando recuperar os registros.

Assim como tais registros eram significativos para Dunbar, estes também se tornaram importantes para a cultura Sioux, pois ao final do filme, o diário é recuperado e devolvido a Dança com Lobos por um menino da tribo.

Aos poucos Dunbar troca o estranhamento cultural pela formação de uma visão híbrida de cultura. A visão híbrida de John o leva a acreditar que a convivência entre estas duas diferentes culturas (a saber, a dos Sioux e do homem branco) podem ser passíveis de serem conciliadas. No fundo além da admiração e respeito de John pela cultura Sioux, há um certo deslumbramento com os valores e crenças da cultura do outro, algo bastante típico deste processo de aculturação. Bakhtin a partir de sua concepção dialógica de cultura, afirma que a formação de nossa identidade cultural parte da alteridade, ou seja, do nosso contato com o estrangeiro, com o outro (BAKHTIN apud JANZEN, 2005, p. 52). Porém, esta visão utópica de Dunbar, no que diz respeito à convivência pacífica e harmoniosa entre as duas culturas é rompida aos poucos durante o desenvolvimento da história. Destacamos aqui dois momentos que marcam a ruptura definitiva por parte de Dunbar no que diz respeito à ideia utópica de convivência pacífica entre as duas culturas: a primeira delas é na cena de caça aos búfalos nas pradarias. A caça a estes animais era um

símbolo da vida, permanência e de passagem para os Sioux nos ritos que marcavam a transição do outono para o inverno. Dunbar acompanha os índios nestes ritos, mas a cena que marca o encontro de uma manada de búfalos esfolados vivos apenas para a retirada das peles, confere um ar de desespero e de tristeza no semblante dos indígenas, já que aquela forma de matança era típica do homem branco que não tinha respeito pela terra, pelos animais, nem pelos ritos de passagem, nas palavras de John Dunbar “quem havia feito aquilo eram homens sem valor nem alma e respeito pelos ritos Sioux”. Naquela noite Dunbar envergonhado, não dormiu junto com os indígenas, não sabia se eles o haviam entendido, mas segundo Dunbar “não houve olhares nem acusações, apenas a confusão de pessoas que não conseguiam prever o futuro”. O segundo momento é caracterizado pela cena quando ao retornar ao Forte, John é confundido com um índio Sioux devido às roupas que usava, onde é alvejado por tiros dos soldados, que atingem “Cisco” (cavalo de Dunbar) matando-o e, posteriormente, na cena onde os soldados atiram e matam Duas Meias (lobo selvagem amigo de Dunbar) apenas por diversão. Estes momentos fazem John perceber que há um abismo na compreensão de valores e crenças entre as duas culturas o que tornava a princípio, impossível a sua convivência harmoniosa.

Após esta constatação, Dunbar teme pela vida do povo Sioux. O exército americano ao capturar Dunbar e vê-lo totalmente vestido com ornamentos indígenas consideram-no um traidor e tentam a todo custo saber a localização da tribo Sioux. Dunbar então se recusa a falar o inglês, passa a comunicar-se com os oficiais americanos somente na língua Sioux afirmando que não era John Dunbar, mas sim Dança com Lobos. Há um fato marcante nesta cena, pois demarca a transição de Dunbar em direção à cultura Sioux, embora saiba que suas origens não eram aquelas. Não há um conflito de identidade, a vida nas pradarias e o contato com os valores morais e culturais dos Sioux fizeram que Dunbar abraçasse a nova cultura.

Dunbar sabia que não era mais o mesmo. Dias antes havia retornado ao Forte e ao ler suas anotações em seu antigo diário pode perceber que aquele John Dunbar que falava no diário anteriormente não era o mesmo Dunbar que agora vivia com o povo *Sioux*. Além disso, a luta travada por Dunbar ajudando os *Sioux* contra seus maiores inimigos, os *Pawnee*, fez com que John percebesse que a guerra

possui um valor, pois era a primeira vez que ele não lutava por política, por território ou por dinheiro, mas sim por amor aos amigos, para a proteção da família, do povo e dos suprimentos para o inverno. Muitas mudanças haviam ocorrido internamente com Dunbar neste processo de aculturação, até mesmo Duas Meias, o lobo selvagem, que anteriormente fitava John com um olhar distante passara a comer em suas mãos, uma prova da integração total de Dunbar com a natureza e cultura da vida simples das pradarias.

Porém o fato de ser considerado um traidor acaba ganhando um peso muito grande para John, de forma que ele teme por seus amigos *Sioux*, já que o exército americano não deixaria barato a sua suposta “traição”. Sempre que fumavam e conversavam, Pássaro Esperneante questionava John sobre quantos brancos viriam ao encontro da tribo. John sempre se recusara a falar, porém na noite após sua fuga do cerco do exército americano, John fala a Pássaro Esperneante que os brancos viriam agora mais cedo do que nunca, Pássaro Esperneante então pergunta, quantos homens brancos virão? John diz que seria o número equivalente ao número de estrelas no céu. A expressão silenciosa, desconcertante e melancólica de Pássaro Esperneante encerra o diálogo com a certeza de que a cultura *Sioux* não perduraria por muito tempo.

A história então termina com a decisão de Dunbar de se isolar da tribo. Enquanto ele permanecesse com eles, o exército o seguiria, talvez a separação desse uma sobrevida a cultura do povo *Sioux*. Na despedida John Dunbar e Pássaro Esperneante trocam presentes. A partida de Dunbar é embalada pelos gritos e choro do amigo Vento no Cabelo que no topo de um penhasco afirma sua lealdade e amizade com lágrimas nos olhos dizendo:

- “Dança com Lobos! Dança com Lobos! Eu sou Vento no Cabelo, não sabe que sou seu amigo? Dança com Lobos! Dança com Lobos! Saiba que sempre serei seu amigo!” A frase é repetida várias vezes, como manda a tradição oral *Sioux*, para que todos os que estavam presentes guardassem na memória aquele dia em que um homem branco chamado John Dunbar conheceu o verdadeiro significado da essência do ser humano, da bondade, da lealdade, da amizade e do amor descobrindo sua verdadeira identidade que não era a de um homem branco

chamado John Dunbar, mas sim de um homem com espírito *Sioux* chamado “Dança com Lobos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste roteiro, a construção do hibridismo cultural na relação de John Dunbar com os índios *Sioux* seria um exemplo de como a cultura é um conceito complexo e interessante. Segundo Arendt (2005) cultura vem do latim *cultivare*, no sentido de cultivar e cuidar da terra nas plantações. Ou seja, qualquer cultura sempre está em construção, ela nunca é estática, e a relação entre um homem branco com uma tribo indígena mostrada no filme **Dança com Lobos (EUA-1990)** é um retrato disto.

Contribui também o entendimento de Arendt (2005) de que a cultura visa introduzir os novos – os jovens – nos seus costumes e valores para que ela continue a ser “cultivada”. A expressão de Pássaro Esperneante ao perceber que o homem branco viria de forma abrupta, e que provavelmente a cultura *Sioux* seria exterminada cruelmente como a manada de búfalos, marca o seu entendimento de que os *Sioux* não teriam mais “novos” a serem inseridos – situação vivida por grande parte das culturas pré-colombianas na atual América.

Além disso, foi possível observar que o processo de aculturação a partir do contato entre culturas distintas, só é possível a partir da compreensão dos significados entendidos como aspectos fundamentais, considerando a (escolha de vida). Uma vez que o processo de ruptura com as supostas fronteiras culturais do personagem do filme sobre a visão tradicional de cultura, foi substituída gradualmente por uma visão híbrida de cultura, o presente artigo destacou que é preciso ir além da ideia preconceituosa e única de cultura.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A crise na cultura: sua importância social e política**. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRUHL, Lucian Levy. **A mentalidade primitiva**. São Paulo: Paulus, 2008.

DANÇA COM LOBOS. Kevin Costner (dir). EUA: MGM, 1990. DVD, (180 min), son. Inglês/*Pawnee/Sioux*; cor, col. Leg. Português.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2000.

JANZEN, Evaldo Henrique. **O Ateneu e Jakob von Gunten: um diálogo intercultural possível**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. São Paulo: Jorge Zahar, 1986.

STRAUSS, Claude Lévy. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Cia Nacional, 1976.